



A paralisação dos profissionais de apoio da Saúde deixou 50 mil pacientes sem assistência e agravou as condições de atendimento em todos os hospitais

Situação nos hospitais tende a se agravar hoje

Cristine Gentil e
Priscilla Louzada
Da equipe do Correio

Os médicos dos hospitais públicos do Distrito Federal temem a superlotação das emergências. Motivo: a greve dos profissionais de apoio da saúde completa hoje uma semana.

O cartaz vermelho *Saúde em Greve* já barrou cerca de 50 mil pessoas nas portas de nove ambulatórios, 28 centros e 48 postos de saúde.

A equipe do **Correio Braziliense** percorreu os principais hospitais do Plano Piloto e das cidades durante todo o fim de semana. Viveu de perto o drama de médicos, servidores e pacientes que convivem com o colapso da saúde.

“A partir de segunda-feira (hoje), se a greve continuar, as pessoas vão começar a procurar atendimento no pronto-socorro”, raciocina o ginecologista Itamar Batista, chefe do plantão do último fim de semana no Hospital da Asa Norte (Hran).

A previsão já se confirmou no Hospital da Ceilândia. A chefe de equipe, Sheyla Gomes da Silva, revela: “Tem gente vindo para a emergência para pegar anti-concepcional. Com a greve, vai gerar aumento da demanda”.

Aumento — O chefe de equipe do Hospital de Base, Dênis Marinho Brandão, concorda: “Por enquanto, está tranquilo. Mas a tendência é gerar uma sobrecarga no pronto-socorro”.

O secretário de Saúde, João de Abreu, não acredita nessa possibilidade. “Acho que as pessoas dificilmente procurarão a emergência. Elas sabem que o atendimento nas especialidades é feito nos ambulatórios” enfatiza.

Segundo o secretário, a população não poderá ser prejudicada por causa da greve. “Todo mundo — médicos e servidores — vai ter que trabalhar para atender as exigências da população”, garante.

Na próxima quarta-feira, os servidores fazem nova assembleia para decidir sobre a continuidade do movimento. Os médicos também se reúnem no mesmo dia para analisar a proposta do governo.

“O sistema de saúde já está em greve permanente. Tem um percentual grande da população que nunca tem acesso à saúde. Estamos no nosso limite”, sentencia o médico Dênis Brandão, do Hospital de Base.